

Panorama das Exportações e Importações Brasileiras de Framboesas e Amoras-Pretas in natura

Caio Morais de Alcântara Barbosa¹; Michelle Márcia Viana Martins¹; Marcel Bellato Spósito¹

¹ Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo - ESALQ/USP, E-mail: caio.moalbar@usp.br; michellemartins@usp.br; mbsposito@usp.br

Resumo: Objetiva-se por meio deste estudo, apresentar a posição do Brasil no comércio internacional de framboesas e amoras-pretas in natura, já que não há investigações que apontem os aspectos econômicos para essas frutas no país. Foram analisados dados referentes às exportações e importações no período de 1997 a 2018. Entre os anos de 1997 a 2009, as exportações eram maiores que as importações, porém, a partir de 2010, o volume importado superou o exportado, configurando uma balança comercial deficitária, o que sugere um aumento no consumo interno. Além disso, os preços médios (US\$/kg), em geral, mostram-se maiores para as importações. Sobre os parceiros comerciais, a Itália é o país que absorveu o maior volume das exportações brasileiras e o México destaca-se como o principal fornecedor para o Brasil. O estado que mais exportou no período foi o Rio Grande do Sul, e São Paulo é o estado de destino da maior parte das importações. O mercado de framboesas e amoras-pretas in natura no Brasil apresenta grande potencial de crescimento, porém há grandes desafios para diminuir o déficit da balança comercial.

Palavras-chave: Balança comercial, Comércio internacional, Pequenos Frutos

INTRODUÇÃO

O cultivo de framboesas e amoras-pretas é relativamente pequeno no Brasil quando comparado a outras economias. Ainda que, não exista dados oficiais atualizados sobre a área plantada e o volume de produção, é estimado que o cultivo da framboeseira (*Rubus idaeus*) e da amoreira-preta (*Rubus* spp.) ocupem cerca de 400 e 528 hectares respectivamente, em todo país. Além disso, as áreas produtivas brasileiras encontram-se concentradas nas regiões Sul e Sudeste (PIO, 2014; ANTUNES et al, 2014). Embora exista um esforço técnico em pesquisas, a comercialização de framboesas e amoras-pretas in natura enfrenta diversos limitantes devido às características das frutas, que têm alta taxa metabólica e elevado grau de perecibilidade, além de dificuldades desde o armazenamento e processo de logística e transporte, de forma que alguns países optem pelo comércio de frutas congeladas (RASEIRA et al., 2004; CAMINITI, PAGOT, 2016). Mesmo com esses impasses, o panorama do comércio internacional mostra que o valor total bruto do fluxo de comércio foi em cerca de US\$2,86 bilhões no ano de 2018, em comparação aos US\$991 milhões do comércio na modalidade congelada no mesmo ano. Neste cenário, o México sobressai como o maior exportador mundial destas frutas in natura, com volume aproximado de 87 mil toneladas. Já os Estados Unidos é maior importador, com volume importado de aproximadamente 182 mil toneladas. O Brasil

surge como o 49º país importador com apenas 47 toneladas importadas e como 63º exportador, com 1,8 toneladas exportadas em 2018 (ITC/TRADEMAP, 2019).

A possibilidade de obtenção de lucros elevados tem atraído um crescente número de novos produtores no Brasil, que apostam no cultivo e na comercialização visando atender à crescente demanda doméstica e também às possíveis demandas do mercado externo, através das exportações, no período de entressafra de países do Hemisfério Norte (FACHINELLO et. al., 2011). Dessa forma, diante da escassez de estudos que analisam esse segmento em ascensão, o presente trabalho tem como objetivo contribuir com informações relevantes sobre a tendência brasileira no mercado internacional de framboesas e amoras-pretas in natura, no período de 1997 a 2018, apontando importantes aspectos econômicos e geográficos.

MATERIAIS E MÉTODOS

Esse estudo adota uma abordagem qualitativa, por meio da análise descritiva dos dados sobre o mercado de framboesas e amoras-pretas, para o período de 1997 a 2018, mediante disponibilidade dos dados, disponíveis pela base Comexstat (MDIC, 2019). Será exposto o volume de importação e exportação das frutas para o Brasil, os preços para cada fluxo comercial, os estados que apresentam maior participação econômica nos segmentos e os principais parceiros brasileiros para o setor em análise. Para a organização e manipulação dos dados utilizou-se recursos gráficos e tabulares para que seja possível identificar possíveis tendências e padrões. Foi utilizado o método internacional de classificação de mercadorias do Sistema Harmonizado (HS). Pela categorização HS de seis dígitos, as framboesas e amoras-pretas na modalidade “frescas” ou in natura do gênero *Rubus* são inseridas no mesmo grupo de classificação: 081020 (*Fruit, edible; raspberries, blackberries, mulberries, and loganberries, fresh*). Ainda que este código inclua amoras do gênero *Morus* e loganberries (híbridos do gênero *Rubus*), estas espécies são pouco comercializadas e pouco contribuem nos conjuntos de dados analisados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como apresentado na Figura 1, nota-se que em 1997 o Brasil apresentou exportação recorde no período, ultrapassando a marca de 110 toneladas. De 1998 a 2008, no entanto, a média exportada caiu para 50 toneladas, com crescimento em 2001 e comportamento estável entre 2001 a 2008. A partir de 2009, todavia, as exportações apresentaram queda acentuada, sendo que no ano de 2012 o país exportou apenas 3,85 toneladas e em 2013 e 2014 não houve exportações. De 2015 a 2018, a média de volume exportado foi de aproximadamente 2,5 toneladas, mostrando que, atualmente, a produção brasileira tende a ser destinada ao mercado interno. Em relação ao volume importado, de 1997 a 2008, o volume médio foi em torno de 2,88 ton/ano. A partir de 2009, verificou-se um padrão de crescimento nas importações, sendo que em 2010, pela primeira vez, o volume importado superou o exportado. O pico de importação é observado em 2014 com 99,72 toneladas importadas, ano em que o país sediou a Copa do Mundo de Futebol, o que pode explicar o aumento do consumo interno. De 2015 a 2018, nota-se, no entanto, redução de 50% do volume importado, queda esta que pode estar ligada à crise econômica, uma vez que são produtos de alto valor agregado, podendo ser altamente sensíveis às variações na renda do consumidor. Em geral, o comportamento nos fluxos de comércio é oposto,

ou seja, nos anos em que o Brasil exportou volumes considerados, pouco foi importado no período correspondente. Até 2009 a produção no país era voltada, principalmente, para atender ao mercado externo, mas logo as importações cresceram, indicando que a economia brasileira elevou seu consumo interno, sendo atendida, dessa forma, pela produção nacional e pelas importações.

Com relação aos preços, a média praticada nas importações (US\$9,85/kg) foi superior quando comparada à média das exportações (US\$6,76/kg). Do lado das importações, observou-se grande oscilação nos preços durante todo o período, sendo o valor mais alto registrado no ano de 2008 (US\$16,06) e o mais baixo em 2004 (US\$ 2,38/kg). De 2013 a 2018 os preços mantiveram-se estáveis, com média de US\$ 9,66/kg. Para as exportações, em 1997, o Brasil exportava em grande quantidade, porém a um preço relativamente baixo, aproximadamente US\$2,39/kg. Os preços médios elevaram-se em 1998 e mantiveram-se estáveis, com média de US\$6,26, até o ano de 2006, quando os preços subiram para US\$12,16, alcançando em 2007 a maior remuneração média paga aos produtores nacionais (US\$13,20/kg). De 2008 até 2018, os preços médios não apresentaram grandes oscilações, com média de US\$ 6,58/kg.

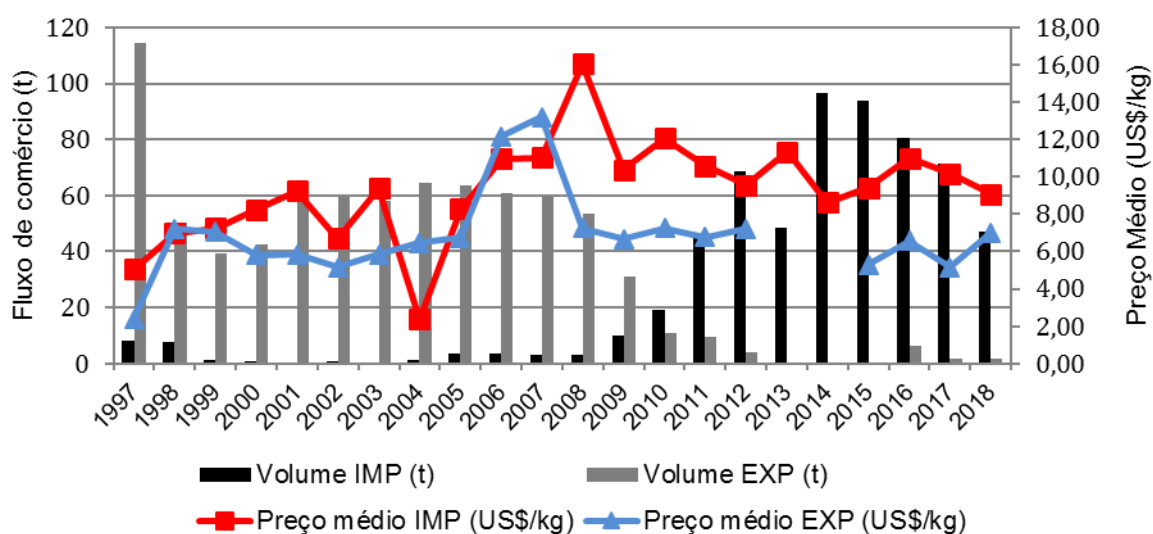


Figura 1. Evolução das exportações e importações (toneladas) e dos preços médios (US\$/Kg) de framboesas e amoras-pretas in natura, de 1997 a 2018.

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Comexstat.

Em relação aos aspectos geográficos, a Tabela 1 aponta para dados relativos aos países de destino das exportações e origens das frutas importadas pelo Brasil. Em relação às exportações brasileiras, a Itália é principal importador, tendo adquirido em torno de 694,99 toneladas durante todo o período analisado, o que representa 87,40% do volume exportado, seguida pelo Reino Unido e Holanda, com 58,28 e 22,49 toneladas, respectivamente. Alemanha, Bélgica, França, Portugal, Espanha, Uruguai e Argentina são outros países que receberam frutas brasileiras, mas os volumes são baixos. Nota-se uma grande redução no volume exportado a partir de 2009, sendo que, em 2018, apenas 1,80 toneladas foram exportadas. Para importações, o Chile era o principal fornecedor até o ano de 2012, com maior somatório acumulado até este ano, porém as frutas in natura chilenas deixaram de ser comercializadas no país no ano seguinte. A partir de então, México e Estados Unidos se tornaram os principais

parceiros, com pequena participação de Portugal. Atualmente o México destaca-se com cerca de 87,4% do volume importado pelo Brasil nos anos de 2017 e 2018. Outros países que forneceram frutas in natura para o mercado brasileiro foram Bolívia, França, Holanda e China.

Tabela 1. Principais parceiros comerciais brasileiros para framboesas e amoras-pretas in natura, com volume em toneladas a cada dois anos, de 1997 a 2018.

EXPORTAÇÕES												
País	97/98	99/00	01/02	03/04	05/06	07/08	09/10	11/12	13/14	15/16	17/18	Total (t)
Itália	148,98	67,65	88,88	111,95	122,40	98,00	36,23	13,56	-	3,97	3,37	694,99
Reino Unido	5,21	7,82	28,41	7,95	-	2,52	3,78	-	-	2,59	-	58,28
Holanda	4,30	3,96	5,11	2,70	0,11	4,24	2,08	-	-	-	-	22,50
Outros	6,52	2,09	0,95	-	1,95	8,10	-	-	-	-	0,05	19,66
Total (t)	165,01	81,52	123,35	122,60	124,46	112,86	42,09	13,56	0,00	6,56	3,42	795,43
IMPORTAÇÕES												
País	97/98	99/00	01/02	03/04	05/06	07/08	09/10	11/12	13/14	15/16	17/18	Total (t)
México	-	-	-	-	-	-	-	51,86	93,01	134,22	103,74	382,83
EUA	3,59	0,04	0,19	0,80	-	0,14	23,56	41,71	42,97	30,84	12,02	155,86
Chile	11,56	2,37	0,88	0,12	0,34	2,61	5,39	20,18	-	-	-	43,45
Portugal	-	-	-	-	2,46	3,09	-	-	9,19	9,22	2,94	26,90
Bolívia	-	-	-	0,57	4,52	0,69	0,32	-	-	-	-	6,10
Outros	0,59	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,03	0,62
Total (t)	15,74	2,41	1,07	1,49	7,32	6,53	29,27	113,75	145,17	174,28	118,73	615,76

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Comexstat.

Na Tabela 2, aponta a descrição do comércio por estados, observa-se que São Paulo foi a unidade da federação que mais importou, sendo responsável por 98,86% do volume importado de 1997 a 2018. Isto pode ser explicado pela grande demanda na cidade de São Paulo, mas também pela infraestrutura de aeroportos e pela facilidade de distribuição aos demais estados.

Já o Rio Grande do Sul, por deter a maior área cultivada no país consequentemente foi o estado brasileiro que mais exportou no período de análise, responsável por 91,02% do volume total.

Tabela 2. Participação dos estados brasileiros nas exportações e importações de framboesas e amoras-pretas in natura, soma de volume em toneladas de 1997 a 2018.

EXPORTAÇÃO			IMPORTAÇÃO		
1997 - 2018			1997 - 2018		
UF	Volume (t)	Preço Médio (US\$/kg)	UF	Volume (t)	Preço Médio (US\$/kg)
Rio Grande do Sul	724,01	6,66	São Paulo	608,69	9,87
Santa Catarina	64,25	7,76	Rio de Janeiro	5,38	9,39
Zona Não Declarada	6,73	8,37	Rio Grande do Sul	1,28	3,06
São Paulo	0,42	7,27	Amazonas	0,35	4,51
Minas Gerais	0,04	5,71	Espírito Santo	0,01	28,20
Brasil	795,45	6,76	Brasil	615,70	9,85

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Comexstat.

CONCLUSÕES

O mercado de framboesas e amoras-pretas in natura no Brasil apresenta grande potencial de crescimento. Atualmente, há um déficit na balança comercial, pois o país é dependente de importações e o volume de exportações é irrisório quando comparado a outros países. Para futuros trabalhos, recomenda-se estender o objetivo desse estudo para as frutas comercializadas de forma congelada. Além disso, é necessário compreender os fatores que limitam o aumento da produção nacional e consequentemente as exportações brasileiras, como a ausência de políticas públicas de incentivo aos produtores e a falta de cultivares, principalmente de framboeseira, que sejam mais produtivas e com características de mercado desejáveis.

AGRADECIMENTOS

À CAPES e ao CNPq pela concessão de bolsas de estudo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, L. E. C.; PEREIRA, I. S.; PICOLOTTO, L.; VIGNOLO, G. K.; GONÇALVES, M. A. Blackberry production in Brazil. Revista Brasileira de Fruticultura, v. 36, n. 1, p. 100-111, 2014.

CAMINITI, A.; PAGOT, E. Produção de Framboesa. In: RUFATO, A. R.; ANTUNES, L. E. C. Técnicas de produção de framboesa e mirtilo. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, p. 11, 2016.

FACHINELLO, J. C.; PASA, M. S.; SCHMITZ, J. D.; BETEMPS, D. L. Situation and perspectives of temperate fruit crops in Brazil. Revista Brasileira de Fruticultura, v. 33, n. SPE1, p. 109-120, 2011.

ITC/TRADEMAP. International Trade Centre. Trade statistics for international business development monthly, quarterly and yearly trade data, import & export values. Genebra: ITC/TRADEMAP, 2019. Disponível em: <www.trademap.org>. Acesso em: 15 jun. 2019.

MDIC. Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. Comexstat Database. Brasília: MDIC, 2019. Disponível em: <<http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>> Acesso em: 15 jun. 2019.

PIO, R. Cultivo da Framboeseira. In: PIO, R. Cultivo de Fruteiras de clima temperado em regiões subtropicais e tropicais. 1. ed. Lavras: UFLA, p. 222, 2014.

RASEIRA, M. D. C. B., GONÇALVES, E. D., TREVISAN, R., ANTUNES, L. E. C. Aspectos técnicos da cultura da framboeseira. Série Documentos 120, Pelotas: Embrapa Clima Temperado, p. 22, 2004.